Alguns temas de psicologia do esporte revisitados*

ATHAYDE RIBEIRO DA SILVA**

1. Introdução; 2. Agressão; 3. Coragem; 4. Rendimento e desajuste; 5. Motivação; 6. Mobilidade social; 7. Ansiedade pré-competitiva.

O autor procura novos enfoques de velhos temas da psicologia esportiva. Motivação, coragem e principalmente agressão são analisadas.

1. Introdução

São passados 30 anos da introdução da psicologia esportiva no Brasil. Começando em 1954, com a seleção de juízes para a Federação Paulista de Futebol, passou pela seleção brasileira de futebol, clubes, e vem atingindo o esporte amador, olímpico, que, diga-se de passagem, é o seu melhor lugar. Agora estamos, inclusive, na fase dos conclaves, com Porto Alegre e Rio de Janeiro liderando a bandeira: congressos internacionais, simpósios, cursos, com impressionante sucesso de público jovem, constituído em sua maior parte de educadores físicos e psicólogos. Os estudantes de ambos os cursos são nota marcante da massa presente.

Cabe aqui um parêntese. Esse salto da psicologia aplicada ao esporte, de seleção de juízes (1954) para a seleção brasileira de futebol (1958), foi muito mais um mal que um bem. A psicologia esportiva em nosso país não teve adolescência. Pulou, da noite para o dia, da infância para a vida adulta. Houve dano indiscutível, polêmicas destrutivas, acusações malévolas e que, até certo ponto, perduram 30 anos depois. Felizmente vão-se esvaindo e esvaziando.

2. Agressão

Não existe outro laboratório tão apropriado, "natural", autêntico para se estudar o atleta como a arena esportiva, seja a pista de atletismo, a piscina para o na-

* Artigo apresentado à Redação em junho de 1983.
** Psicólogo no ISOP. (Endereço do autor: Rua da Candelária, 6, 2.º and. — Rio de Janeiro, RJ.)

dador, a quadra de tênis, o rinque, o ringue, enfim, "campo" em sentido genérico, compreendendo futebol, hóquei, ginástica, rúgbi, etc.

Aliás, o campo seria mais que isto. Podemos falar até em metacampo, isto é, o local onde o esporte é visto e sentido como uma liturgia teatral, na qual a humanidade pode ser configurada como disputando valores que acumulou no perpassar dos séculos. O atleta seria o herói coletivo em nosso tempo, o representante da massa, um novo mito decalcado de modelos gregos. É a configuração de imagem mitológica. O campo então é o local onde se vai buscar o lúdico, o hedonismo e até a satisfação estética.

Nesse imenso laboratório em sentido qualitativo, poucos temas são tão sedutores e provocantes como a agressividade. Esta é componente inerente ao esporte. Não é sem razão que se fala em luta, combate, peleja e, quando os digladiadores se extrapolam, chega-se mesmo a dizer que houve uma guerra.

Partimos de um princípio didático: há três tipos de esporte: o de combate, o de contato e o de não contato. Os de combate e de contato às vezes se confundem (todas as classificações têm seus pontos vulneráveis). Os de contato seriam, em nossa linguagem, principalmente os de grupo. Os de combate poderiam ser chamados esporte a dois, mesmo que um dos antagonistas não seja humano, como é o caso da tourada, ou no vernáculo castelhano a chamada corrida de touros, e meio poeticamente denominada *fiesta brava.*

Todos sabem que continua a discussão teórica sobre o que é agressividade. Rios de tinta têm corrido e vão correr ainda sobre o entendimento e a explicação da origem da agressividade.

De um lado estão os etologistas ou instintivistas, para quem a agressividade é nata, genética. Partem dos animais, de sua vida à base dos instintos. Então, afirmam que o mesmo ocorre no homem. O corifeu-mor dessa posição é Lorenz; a seu lado Tinbergen e outros. Os dois, inclusive, há poucos anos ganharam o Prêmio Nobel de Medicina, embora um deles nem médico seja.

Do outro lado ficam os genericamente denominados culturalistas que, sem negar o componente nato da agressividade, sustentam que ela se expressa conforme padrões culturais de cada povo, de cada época, de cada momento. Os antropologistas lideram essa posição.

As escolas, as linhas de pensamento têm suas colocações bem definidas.

Os psicanalistas adotam a posição dos etologistas. Aceitam Lorenz em seu posicionamento sobre a origem genética e a descarga da agressão, mas discordam do enfoque de inibição, isto é, das tendências dentro do indivíduo não só contra a agressão, como também relativamente a ato não agressivo. Para eles a inibição resulta da interação com o meio, das primeiras relações familiares e o subseqüente desenvolvimento do superego, produto social da aculturação.

Dollard, com sua célebre hipótese de frustração-agressão, chega a ser um contraste com a teoria dos instintos. A agressão não é destruída, mas sim deslocada, retardada ou disfarçada. Um mecanismo interno produz a punição e esta inibe a agressão relativamente à fonte de frustração. Essa fonte de frustração é que deve ser destruída. Esta teoria (que inclusive inspirou o teste de Rosenzweig), por ter sido muito criticada, sofreu modificações em vários aspectos. Pesquisas mostraram que o ataque recebido, a dor física, a estimulação nociva podem levar também à agressão, porque, tal como na frustração, esses fatores aumentam a irritação, o excitamento, a instigação.

Para etologistas e psicanalistas a agressão é geral e inevitável, porque o impulso para a agressão é instintivo. Para Dollard e associados, um impulso uma vez excitado deve ter uma canalização. Todas as três teorias têm um consenso: o ato de agressão serve para reduzir o impulso. É o princípio da catarse. Mais ainda: através do deslocamento, o comportamento agressivo pode ser canalizado, diversificado e controlado. É o valor social do esporte, o qual, obviamente, é catártico, válvula de escape. É onde entra o conceito de agonística: a catarse de impulsos, profundos. Por isto ela tem dois aspectos: o lado biológico e o psicológico.

Muitas críticas são feitas ao modelo etológico, como, por exemplo, a de que o comportamento animal não é determinado apenas por fatores biológicos. Mesmo os padrões instintivos de comportamento dependem da presença de estímulos externos apropriados para sua manifestação.

A ira provoca aumento não só da atividade do hipotálamo lateral do cérebro, como aumento de secreção da adrenalina, elevação da pressão sistólica, enfim aceleramento fisiológico. Pesquisas das estimulações elétricas e químicas do cérebro sugerem que, tanto no homem como no animal, a agressão pode ser artificialmente estimulada. Enfim, para uns, agressão é matéria de biologia. Assim, a síndrome X YY, isto é a presença de um cromossomo adicional, acima da medida, na proporção de criminosos masculinos violentos, é proposta como prova de um determinismo biológico.

O argumento é suscetível da mesma crítica feita aos etologistas: o fato de haver um processo fisiológico observado trabalhando nada diz sobre os fatores que causam sua ativação.

O importante a destacar é que, no esporte, a agressão é *ritualizada*. No embate dentro da arena esportiva a agressividade obedece a um ritual. Daí a presença de uma figura paramentada, uma autoridade (sacerdote laico) dirigindo as regras de prélio, o ritual.

Muitos teóricos concordariam com um modelo de agressão: seria o de duas fontes, de duas posturas de forças motivacionais opostas. De um lado, haveria fatores pessoais e situacionais que facilitam a agressão; de outro, os fatores pessoais e situacionais que inibem a agressão.

Condições secundárias do esporte podem influir na agressão? Uns afirmam serem mais propensos à agressão os que estão perdendo. Alguns pesquisadores opinam afirmativamente. Outros consideram os vencedores igualmente agressivos. Uma coisa parece certa: há correlação entre contatos físicos vigorosos e agressão em esportes de grupo. A agressão também seria maior quando o time que joga fora de casa está perdendo, principalmente se estiver ameaçado de rebaixamento na liga.

Dois fatos particulares merecem registro: George Gaskell e Robert Pearton, no excelente livro de vários autores *Sports, games, and play*, coordenado por Jeffrey H. Goldstein (1979), registram que 75% das faltas cometidas em futebol são de jogadores da defesa. O Prof. Mira y López (1964) escreveu que o Teste PMK em futebolistas brasileiros revelava agressividade em jogadores de defesa e autoagressividade nos atacantes. O outro fato a registrar é a agressão verbal nos esportes de contato físico, possivelmente uma conseqüência de redução da inibição à agressividade corpórea.

Convém assinalar uma colocação de agressividade despreocupada com teorias: a instrumental e a reativa (Silva, 1972). Na primeira o objetivo primá-

rio não é atingir, injuriar o adversário, mas obter um prêmio; este tipo de agressão não envolve ira. A segunda envolve uma resposta como meta. Implica a percepção de um inimigo e a emoção da ira na reação.

E o fenômeno da auto-agressividade já mencionado? Seria privativo de futebolistas de ataque? Nos toureiros e nos boxeadores também foi observada (Silva, 1972).

E os esportes considerados perigosos, ou de risco ou de grande sensação (*sensation seeking*, como chamou-os o autor)? M. Zuckerman, da Universidade de Delaware, apresentou interessante comunicação no Simpósio de Psicologia do Esporte, em Edinburgo, durante a realização, em 1982, do XX Congresso Internacional de Psicologia Aplicada. Citou, entre outros, pára-quedismo, corrida de automóvel, *scuba-diving*, voar, montanhismo, esquiar. Mas citou também, como provocadores de sensação de risco, o futebol, o tênis, a natação, a ginástica...

Para ele a busca de sensação tem forte origem hereditária e está relacionada a vários fatores biológicos, incluindo o reflexo de orientação e a enzima *monoamine oxidase*. Sua hipótese é de que participar em esportes de risco que fornecem sensações novas é função de disposição biológica herdada, manifestada por níveis funcionais de neurônios transmissores, em alguma parte do sistema límbico.

Abordaremos agora uma linha de pensamento diferente das já citadas.

Bandura e Walters, muito influenciados por Hull e Skinner, assumem a teoria da aprendizagem social, isto é, partem do princípio de que as respostas agressivas são aprendidas como qualquer outro comportamento social. Assim, a agressão é conseqüência e não instinto, ou disposição nata. Nasce da observação e da imitação dos outros, especialmente os de alto *status*.

A agressão, segundo eles, está relacionada a modelos agressivos. Pais e parceiros são importantes modelos.

A teoria da aprendizagem social não perfilha, não aceita o princípio da catarse como redução de impulso. Longe de canalizar a agressão de modo não maligno, atos e espetáculos agressivos servem para normalizar, erguer e reforçar o comportamento agressivo.

E o espectador?

É de se considerar que as testemunhas do esporte, por empatia, chegam aos mesmos resultados da catarse, da válvula de escape. Alguém disse que quanto mais agressivo um esporte mais saudável para o espectador. Era o caso da arena romana e pode ser o fundamento lógico para a tourada. É a função vicariante do esporte.

O espectador é elemento imprescindível ao esporte. Tal como no teatro, embora neste seja mais específico, pois não existe teatro sem público; é-lhe componente imperativo. Sem público não há teatro, frase que tanto vale no terra a terra quanto na epistemologia das artes.

Em todos os esportes há passagem de uma informação para o espectador: motora, emocional e até estética. Isto talvez explique por que a identificação intragrupal e rejeição extragrupal são mais fortes entre a multidão esportiva que observa equipes do que entre a observadora de esporte individual.

O bom jogo, o caminho para a catarse, compreende, como todo espetáculo, as fases tensão-excitamento e tensão-redução. É o resultado de "provocar tensão, sustentá-la, complicar e finalmente libertar o participante-espectador num estado de paz", na feliz síntese de Kaelin (1979).

As variações estruturais entre esportes dão-lhes diferentes capacidades para gerar excitação e dentro de qualquer esporte em particular há fatores situacionais específicos que fazem alguns jogos e encontros mais excitantes que outros, tais como: a importância do cotejo ou a extensão em que os espectadores se identificam com os jogadores.

Deve-se observar que no espectador a agressão não é ritualizada, exceto na Polinésia, onde antes do embate entre lutadores há cantos da multidão. E se o espetáculo falha, há agressão generalizada.

Dúvidas são levantadas: o espectador é excitado ou acalmado (catarse) após a violência?

3. Coragem

Tratando de agressividade, caímos fatalmente no tema da coragem, componente necessário em todos os esportes. Particularmente, há um esporte em que a coragem se destaca sobre todos os outros aspectos: a tourada. Para nós é o mais puro, o mais heróico, o mais emocionante, o mais corajoso de todos os esportes. É o único que obedece às três regras aristotélicas de unidade de ação, unidade de tempo e unidade de espaço, o único em que o embate não se trava entre a vitória e a derrota, mas entre a vida e a morte, o único que tem raízes mitológicas e religiosas — o símbolo da luta entre o bem e o mal. Por isto é o mais ritualizado.

Que outro esporte impõe um silêncio total e solene, uma parada de respiração? Somente a tourada é capaz de produzir esta sagrada comunhão e identificação, quando o *matador* dá seu golpe final, no assim chamado "momento da verdade". Podemos dizer que o futebol e o basquete também podem silenciar a multidão se, por ventura, um pênalti ou o lance livre ocorre no último minuto de uma copa mundial, quando o prélio estiver empatado. Bem, embora isto seja correto, não devemos esquecer que no futebol e no basquete isto é apenas um incidente, enquanto na *fiesta brava*, o pique intrínseco do ritual é a morte do touro (ou, quem sabe, do toureiro, e aí é que está a nuance da tragédia, a morte do herói; lembremos Joselito e Manolete, dois dos quatro califas de Córdoba). Infelizmente a *fiesta brava* é hoje um esporte em decadência na Espanha e no México. O alto custo para o espectador (geralmente são seis touros a serem sacrificados em cada espetáculo) fez perder a concorrência a favor do futebol.

Ao abordar a questão da coragem, me vem sempre a pergunta se ela não estará ligada à auto-agressividade. É uma hipótese talvez temerária. Mas não temos outro recurso a não ser o subjetivismo, enfim ficar na hipótese, mas para mim há conexão entre coragem e auto-agressividade.

4. Rendimento e desajuste

Outra reflexão que me tem amadurecido através de observações. Intriga-me determinada situação: haverá, sempre, correlação entre condições psicológicas individuais (não de grupo) e bom desempenho no esporte? Vi atletas em deploráveis condições psicológicas realizarem excelentes atuações. Tomemos o futebol. O futebolista, ser sensível, instável, emotivo, inseguro, muito preocupado com

suas condições físicas, ou sua situação sócio-econômica, tem uma preocupação relevante e permanente: não fraquejar, não prejudicar sua imagem perante o público.

Pois bem, há um outro profissional, o ator, de elevada e impressionante semelhança psicológica com o futebolista. (Fiz teatro durante certo tempo e realizei pesquisa com atores e diretores, o que me permitiu a avaliação psicológica desses profissionais.) O certo é que os atores, como eles mesmos reconhecem, constituem uma classe neurótica. No entanto, em que pese à neurose, é impressionante a quantidade de gênios que o palco já apresentou até hoje.

O futebolista, para seu bom desempenho, tal como o ator, depende muito de seu grupo e, outrossim, muito do público. O jogador de futebol tem outro componente que influencia operacionalmente sua exibição: o companheiro mais próximo no campo, com o qual tem mais ligação. Não esqueçamos que o jogador ocupa uma *posição*. O ator tem o mesmo problema: às vezes desempenha-se melhor com certo colega do que com outro. Estas coisas estão sendo ditas para mostrar a semelhança e a dinâmica de atuação entre os dois profissionais. Se são semelhantes, se se exibem para o público, que é o sustento de sua vida, se precisam preservar sua imagem, não é de estranhar que um neurótico tire força de sua fraqueza.

Talvez possamos fazer uma revisão no julgamento do atleta superior e conceituar que o autêntico e verdadeiro — embora obviamente implícita a necessidade de grande habilidade motora — seja o que tenha forças suficientes para dominar e auto-regular suas dificuldades psicológicas. Não haverá algo inato em certas pessoas? O que será? Componentes neurofisiológicos? Ou será o meio, o desenvolvimento em lar ajustado, em harmônica e sólida constelação familiar?

5. **Motivação**

Um fator, muito valorizado porque fundamental — motivação — apresenta algumas particularidades. Por exemplo: o futebolista sempre produz bom rendimento, quase sempre excelente, quando quer provar a improcedência de acusação injusta, falsa. É questão de responder a um desafio. Salvar a face e a auto-estima. Em outros esportes isto também é verdadeiro: vejam na biografia de El Cordobez o dia de seu efetivo início de toureiro em sua cidade natal, Palma Del Rio, onde em sua infância e adolescência sofreu tantas humilhações. À parte a extraordinária coragem (sua marca registrada), pode-se sentir uma nuance de vingança em sua soberba atuação naquele dia. Imediatamente passou a ser um dos quatro califas de Córdoba, talvez o último grande mito da *fiesta brava*.

6. **Mobilidade social**

Outra reflexão, esta trazendo como ponto central algo muito específico ao Brasil: a mobilidade social, a ascensão através do esporte.

Ortega y Gasset sustenta a origem desportiva do Estado. Postulou que o Estado nasceu da busca de afirmação e ascensão de grupos sociais, isto é, a mobilidade vertical. Da disputa entre várias camadas sociais surgiram os líderes dentro do esporte.

A nós brasileiros, dentro desse equacionamento, interessa a questão do preto. Qual o esporte que podemos tratar como fato social no Brasil? O futebol, em primeiro lugar, porque é o nosso esporte principal. O futebol foi introduzido no Brasil seis anos depois de extinta a escravidão, trazido por rapazes ricos que tinham ido estudar na Inglaterra.

Por essa época a única afirmação do preto era na música, lundus, na modinha e no incipiente maxixe. E mesmo assim, era mal visto tudo que vinha dele. Sob o ponto de vista de expressão social, continuava nulo. Na verdade não podia afirmar-se. Vai ser no futebol, através de demorada e pertinente batalha, que o preto será reconhecido. Como todas as classes humildes, por força da luta pela vida, o preto tem desenvolvimento motriz mais rápido que os filhos de outras classes de melhor nível (Silva, 1972).

De início, o futebol era esporte de alta sociedade, as moças iam ao campo bem vestidas, de chapéu, assistirem à exibição de seus ricos namorados e noivos. O campo ainda era chamado *field*. Tudo assim requintado e britânico. Mas, com ou sem chapéus e poemas das moças, com ou sem britanismos, o preto foi encontrando no futebol um caminho de se projetar. O "estouro" e a consolidação no esporte (mas ainda não institucionalizado) vão ser atingidos em 1919, com o famoso gol de Friedenreich (mulato filho de alemão com preta) no campeonato sul-americano de futebol, que deu o título ao Brasil, e constitui com a Copa Rio Branco de 1932, em Montevidéu, e os três campeonatos mundiais os cinco grandes momentos do futebol brasileiro.

Em 1925 o C.R. Vasco da Gama institucionalizou a participação do preto no futebol. Os outros clubes cariocas resistiram muitos anos, um deles até a década de 40.

Através do futebol o preto garantiu posição nova, adquiriu certo *status*, ascendeu degraus dentro da mobilidade social. Todavia, deve-se frisar, como os estudiosos de antropologia assinalam: foi o único espaço — mais o da música popular — que se permitiu até hoje ao preto. O Brasil tem uma política externa africana, mas não tem diplomatas negros...

Curiosamente, apesar da resistência ao preto, nosso futebol foi aculturado de forma inteiramente negróide, com ginga, uso do corpo (nasceu a expressão "drible de corpo"). Perdeu a característica britânica. No dançar, no carnaval, aconteceu a mesma coisa: o modo de pular e saracotear nas festas de momo é o bamboleio de corpo negróide que o branco incorporou. Por alguma razão, já foi escrito que o Brasil é o maior país africano do mundo.

7. **Ansiedade pré-competitiva**

Outra reflexão abordada constantemente em todo o mundo e, portanto, já o foi por mim: a ansiedade pré-competitiva, ou pré-agonística. É o maior problema da psicologia esportiva em todo o mundo. É preciso ajudar o atleta a se livrar das preocupações, angústias, insônia, perturbações gástricas, excessos diuréticos, nas proximidades de competições.

O melhor método para combater a ansiedade pré-agonística ainda reside nas técnicas de auto-relaxamento.

Abstract

This paper searches to present new approximations to old themes of sport psychology. Motivation, courage and chiefly aggression are commented.

Referências bibliográficas

Goldstein, Jeffrey H., coord. *Sports, games, and play*.
Hillsdale, N. J., Lawrence Erlbaum, 1979.
Kaelin, E. F. The well-played game. Apud: Goldstein, Jeffrey, H., coord. *Sports, games, and play*. Hillsdale, N. J., Lawrence Erlbaum, 1979.
Mira y López, Emilio & Silva, Athayde Ribeiro da. *Futebol e psicologia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
Silva, Athayde Ribeiro da. As aptidões do futebolista. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, Rio de Janeiro, *24*(2):7-20, 1972.